

A

Escravatura Feminina



TIP. «A RAPIDA»

Calçada de Marquês de Abrantes, 78 e 80

LISBOA



1811R ONE ESC RF

==== A ====

ESCRAVATURA

== FEMININA ==

Atacar as causas do mal afigura-se-me a melhor maneira de o extinguir.

Remediar efeitos é amparar e robustecer vícios, regulamenta-l'os é transigir com êles permetindo que se enraizem.

O homem é o principal valor duma nação, se o não começarem cuidando, ainda antes da gestação, preparando-o com os mesmos cuidados com que se cuida de semear a planta da qual se deseja obter um

raro exemplar, tanto quanto possível perfeito, êle não será nunca o que deve e pode sêr.

A mulher deve ser olhada como o complemento do homem e valorizada á sua altura. E, como provou num esplendido artigo o Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, homem de sciencia que se impôz pelo seu valor e estudo á consideração das Academias estrangeiras, um valor *diferente*, mas não *inferior*.

Homens e mulheres são dois seres que se completam moral e fisicamente. Todo o trabalho colaborado por dois cerebros superiores de sexo diferente é, inegavelmente, mais perfeito do que aquele que por si só produziria qualquer dêles.

É a mulher a educadora do filho, na primeira infancia, e sendo o homem, na opinião dum notavel pen-

sador alemão, um sêr cujas relações com os sêres que o rodeiam se traduzem nestas duas palavras: «imitação e modelo», o meio em que vive tem nêle grande influencia, mas, excede talvez em muito ainda essa influencia, o trabalho duma imaginação doentia edificando teorias quiméricas sobre leituras pouco recomendáveis. O mal das nações, a sua decadencia, deriva unica e exclusivamente do desequilibrio da moral entre os dois sexos. Tratando-se do sexo masculino esta frase tornou-se infelizmente proverbial: «É rapaz; tudo lhe é permitido». E procede-se como se esta afirmação fôsse verdadeira. Não é. Sendo a base primordial da nação a constituição da familia e não tendo esta a possibilidade de bases sólidas sem confiança mutua, respeito e leal sinceridade a ins-

tituição secular, de tão nobres e grandes tradições, está minada pelos alicerces. Ha pais que aconselham aos filhos: «Não te cases nunca». A este conselho devia responder uma contribuição pesada a favor dos hospitaes, azilos infantís e casas de regeneração sobre aqueles que não querem constituir familia, mas que, no seu avaro egoismo, não se importam de concorrer para a perdição de muitos sêres. Assentando a orientação moral dos dois sexos em bases tão diferentes não podem entender-se pelo raciocinio. Estabelece-se então um falso equilibrio mantido dum lado pela prepotencia e pelo dolo e do outro pelo receio e pela hipocrisia. Estou falando na generalidade já se vê. Que ha pois a esperar duma sociedade que se ergue sobre taes fundamentos?—Nada? Alguma cousa

ainda. Ha esperança enquanto ha vida.

É necessario fazer notar aos novos, não contaminados pelo egoismo, que ha criaturas que podiam sêr sua mãe, sua esposa ou sua filha e que se não têm com êles esses parentescos os terão com outros não menos dignos, fazer-lhes vêr e sentir que essas criaturas não podem nem devem ser relegadas ao papel miseravel de objectos. Que saia a mocidade, ainda não corrompida, a pedir á outra apelando para as suas virtudes esquecidas, mas não extintas e para o seu patriotismo, o mais fundo sentimento em corações portuguezes, protecção e defesa para os mais sagrados direitos humanos.

Ensine-se a infancia a olhar no homem o irmão e na mulher a irmã, desapareça o vulgarissimo e triste

costume de se valer graça á precocidade nos cérebros infantis de ideias que não deviam lá estar.

Estabelecendo-se pela educação e pelos esforços maternos a moral de não quererem na familia dos outros nodos de que desejam a sua isenta, serão os homens os mais seguros esteios da sociedade futura. Serão êles que, desejando um Portugal maior, sacrificarão com prazer as sua tendencias mórbidas para erguer da decadencia a nação que, como quasi todas, depois da guerra, ameaça perder-se no luxo, na moleza e na devassidão que levam até ao crime muitos d'aquêles que não podem ou não querem resistir-lhes.

E o homem que medita e pensa não pode desejar para as filhas dos outros o que para as suas não quiere.

As leis têm de ser em muito mo-

dificadas para que de modo algum possa conseguir o seu fito aquelle que as infringe. Assim, devia haver casas de educação, não prisões, onde aquelles que transgredissem a lei fossem internados até á idade legal que nunca devia anteceder a da maioridade.

Quanta cousa se poderia prevenir em vez de se remediar se a lei fosse, como devia ser; insofismavel.

Ha a prostituição pelo vicio, pelo luxo e pela fome. A primeira só por um esforço de vontade própria pode ser curada e a vontade não é cousa que geralmente se encontre em quem se deixa impelir pelos vai-vens da sorte, o luxo e a satisfação dos prazeres pode curar-se pela saciedade e reflexão, e a fome pela não necessidade.

Como presidente da Secção de Assistencia e Trabalho do Conselho

Nacional das Mulheres Portuguesas ha muito que ando empenhada em que as Associações de Classe, as de Soccorros Mutuos e de Recreio, permitam que se funde nas suas salas, que geralmente só servem á noite e aos domingos, durante o dia «Casas de Lavoires» ou de «Trabalhos Manuaes» para defesa da «Prostituição pela Miseria» ou da «Mendicidade pela *chommage*». Encontrei sempre a melhor boa vontade nas Associações, mas esbarrei tambem sempre na falta de verba. E no entanto nunca com menos se poderia conseguir mais!

A organização destas casas não dariam prejuizo á Assistencia ou a quem as quizesse patrocinar porque os «Armazens do Chiado», os «Armazens Grandela» e muitos outros não só se sustentam com os seus *ateliers* e fabricas como enriquecem. Os di-

rectores ou directoras teriam ganhos sempre progressivos, é justo que se pague bem a quem bem trabalha, dá uma garantia de boa administração, porque não pode fazer bem o trabalho quem não ganha o necessario para se sustentar e está sempre pensando onde ir buscar o que lhe falta. Tortura de espirito que o torna incapaz de bem servir.

A Assistencia ou a Direcção, se a empresa fosse levada a cabo por particulares, emprestava, superintendia, vigiava, mas *não ganhava*.

O ganho seria devidido em duas partes, uma de remuneração, outra de previdencia, estudando-se a melhor forma de valer na doença, velhice ou invalidez. Cada Casa teria administração autonoma com inspecção Superior da Provedoria da Assistencia ou da Direcção da Empresa.

Tudo isto era facilimo de executar se o altruismo não estivesse ainda hoje tão pouco desenvolvido. É raro encontrar-se um Conde de Agro Longo. Tenho, como disse, estudado largamente o assunto, mas para o efectivar é necessario mais do que a boa disposição das Associações; com essas sei que posso contar porque a ideia mutualista levou o nosso povo, que tem o coração aberto a todas as ideias generosas, á verdadeira pratica da mais ampla solidariedade.

A «Associação dos Caixeiros de Lisboa» teve ha anos, um gesto que a minha gratidão nunca esquecerá: «ofereceu-me uma esplendida sala, com belo material escolar na sua magnifica séde. Não me foi possivel aproveitá-la por não termos verba nem a ter podido conseguir do Estado, nem particularmente. A maior

dôr dum propagandista é chegar a conseguir o que é difícil e não poder efectiva-l'ô por motivos alheios e superiores á sua vontade. Tirou da palavra o resultado. O campo estava pronto. Não lhe deram a semente prometida... Foi inutil o trabalho? Não. A todo o tempo se pode remediar, desde que ha convicção não falta tudo.

No dia em que as «Casas de Lavo-
res» e «Trabalhos Manuaes» possam
abrir as suas portas a prostituição
pela miseria deve diminuir muito.

Mas agora pergunto eu :

Não haverá no sexo masculino
criaturas tão depravadas e aviltadas
como as prostitutas? Certamente que
ha. Alguem pensou nunca em as re-
gulamentar? Não, porque entende-
ram e muito bem, que isso era vexa-
tório para a dignidade do sexo. Mas

às pobres mulheres é permitido cuspir-lhes a sua vergonha em rosto e arrasta-l'as com filhos sem pais nos braços às mais imundas enxóvias. No entanto os seus cúmplices, e muitas vezes instigadores de crimes, nada sofrem e têm a consideração publica. São homens. E elas, as pobres, marcadas pelo ferrete da ignominia, se não estão inteiramente degeneradas, conservam-se mães atravez de todos os delictos e de todas as miserias...

Está affirmado por abalisados clinicos em face de estatisticas que a regulamentação em nada influe na saude publica, mas, quando assim não fôsse, a escravatura acabou *pelo menos em nome*, que tambem, ao *menos em nome*, as mulheres deixem de ser objectos e, por muito aviltadas que sejam, a sociedade se lembre que tendo elas equivalentes no outro sexo

não é justo que lhes ponham o ferrete da infamia.

Não façam aos outros o que para si não querem.

Até hoje ainda não encontrei melhor preceito de justiça. Tenho dito.



40

CONCLUSÕES

1.^a — A uma sociedade culta impõe-se a protecção e defesa dos direitos humanos.

2.^a — É necessario que a educação moral dos rapazes restrinja a licença de que geralmente usam a uma justa liberdade por vontade propria.

3.^a — Ganhando para a causa abolicionista a consciencia de homem é que se pode preparar a regeneração social.

4.^a — Pela Assistencia e Trabalho evitar-se ha a devassidão nascida da miseria.

5.^a — A saude publica deve obter-se pela morigeração dos costumes e não pela regulamentação dos vicios.

270

